

Patrão confirma sadomasoquismo

Murillo Porto, funcionário do Senado, diz que as relações sexuais aconteciam com o consentimento da empregada

Ana Maria Campos
Da equipe do **Correio**

Uma vingança pessoal de uma mulher ciumenta. Esta é a versão do chefe da Assessoria de Comunicação Social do Senado, Murillo Eduardo Fernandes da Silva Porto, 47 anos, para as denúncias da empregada doméstica Edilene Craveiro dos Santos, 19 anos. A jovem acusa o ex-patrão de abuso sexual, cárcere privado e humilhações.

Mesmo contra a orientação de seu advogado, o funcionário do Senado, preso na Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam) desde terça-feira, quis contar a sua história. Murillo

confirmou o relacionamento sexual com Edilene e as sessões de sadomasoquismo, mas disse que nunca houve espancamento e que tudo era feito com o consentimento da moça. As marcas de feridas no corpo de Edilene, reveladas nas fotos apreendidas pela Deam, Murillo diz que são de batom. "Dila (como é chamada pelo ex-pa-

trão) posava para as fotos. Tudo era consensual. O interesse era mútuo", diz ele.

Murillo será indiciado por três crimes: atentado violento ao pudor, porte ilegal de armas e redução à condição análoga à de escravo. Juntas as penas podem variar de 8 a 20 anos.

O relacionamento sexual de Murillo e Edilene começou dois dias depois da contratação dela, há cerca de sete meses. Aprovada na seleção feita pelo

futuro patrão, Edilene aceitou receber R\$ 260 mensais em troca dos serviços tradicionais de doméstica. Mas não foi bem isso o que aconteceu. Murillo afirma que, com o envolvi-

mento sexual, propôs a Edilene — e ela aceitou — pagar-lhe pelo serviço não com dinheiro, mas com regalias.

"Eu comprava roupas, perfumes e jóias para ela", conta o patrão. "Cheguei até a pagar uma viagem dela para o Piauí. Ela ficaria um mês, mas voltou depois de cinco dias porque não agüentou de saudades",

André Corrêa 23.2.00



A doméstica Edilene recebeu oferta de ajuda da OAB do Piauí depois de denunciar abuso sexual

afirma. "Ela tinha tudo do bom e do melhor. Se eu comia lasanha, ela comia lasanha. Se eu comia filé mignon, era a mesma coisa que ela comia", vangloria-se o funcionário do Senado.

A idéia de apimentar um pouco mais o sexo teria surgido, segundo conta, durante um jantar. Edilene teria dito que já praticara sado-masoquismo com um namorado no Piauí. "Era um homem mais velho do que eu", diz Murillo. O arsenal de acessórios eróticos encontrados na casa dele — chicote, algemas de couro, correntes, vi-

bradores, bolinhas chinesas, uma coleira — teria sido adquirido depois de iniciado o relacionamento. "Posso provar tudo que estou dizendo", diz ele.

O funcionário público também nega a denúncia de Edilene de que a mulher dele, Ucilane de Paula Silva Porto, 42 anos, soubesse ou tivesse participado de qualquer ato sexual entre o patrão e a empregada. "Nós sempre nos demos muito bem, mas estamos separados, apesar de morarmos no mesmo lote no Lago Sul. Optei por construir um flat no fundo do terreno pa-

ra não perder o padrão social e não me separar das minhas filhas", explica.

Ao contrário de Edilene, que diz ter se afeiçoado inicialmente ao namorado, Murillo confessa que nunca se apaixonou pela moça e tinha vergonha de assumir o caso. "Por causa da diferença social." A doméstica, no entanto, teria se envolvido além da conta. "Dila tinha ciúmes de minha ex-mulher e reclamava por ela controlar as minhas contas", diz Murillo.

Esse teria sido, segundo ele, um dos motivos para a explosão

de Edilene na terça-feira, quando a moça telefonou à Deam para denunciar o abuso sexual. "Naquela noite ela (Edilene) me pediu que vendesse a casa e comprasse dois apartamentos para me separar definitivamente de minha ex-mulher. Mas isso eu nunca vou admitir", diz.

Também naquela noite, Murillo teria dado a Edilene um uniforme de doméstica para que ela usasse durante a visita que lhe faria um colega do Senado. "Acho que ela não gostou."

A versão de Edilene é bem diferente. "No começo levava as palmadinhas que ele me dava na brincadeira. Era uma coisa diferente, um carinho leve. Depois passei a ser espancada e não aguentava isso. Principalmente quando a mulher dele participava das sessões", diz ela. Na madrugada de terça-feira, quando a empregada acionou a Deam, o limite de humilhações teria chegado ao fim. "Os dois beberam muito e me espancaram. Esperei ele roncar e telefonei para a polícia."

Na tarde de ontem, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no Piauí, Nelson Neri Costa, telefonou para a delegada Deborah Menezes oferecendo ajuda para Edilene. Costa se dispôs a pagar a passagem de volta para a moça e arrumar um emprego para ela no Piauí. Mas Edilene não sabe o que fazer. "Ainda não estou aliviada. Quero ficar sozinha, esperar tudo isso acabar para repensar a minha vida", diz.

